

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 e 7 de Fevereiro de 2025

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (Parte I - Conclusão)

NO NAME ON THE BULLET / 1959 Bala Sem Destino

Um filme de Jack Arnold

Argumento: Gave Coon, a partir de uma história de Howard Anacker / *Diretor de fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Harold Lipstein / *Cenários:* Alexander Golitzen, Robert Smith / *Figurinos:* Bill Thomas / *Música:* Herman Stein, Irving Getz / *Montagem:* Frank Cross / *Som (mono):* Leslie Carey / *Interpretação:* Audie Murphy (*John Gant*), Charles Drake (*Luke Caufield*), Joan Evans (*Anne Benson*), Virginia Grey (*Roseanna Fraden*), Warren Stevens (*Lou Fraden*), Edgar Stehl (*o juiz*) e outros.

Produção: Universal Pictures / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 77 minutos / *Estreia mundial:* Fevereiro de 1959 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Roma), 10 de Agosto de 1962 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Enésimo western do *baby faced killer* que era Audie Murphy (um daqueles cowboys que também cantava), **No Name on the Bullet** é uma produção de série B e, como indica a sua duração, destinava-se a um duplo programa, um *double bill*, espaço destinado por assim dizer ao rebotalho da produção americana em termos de prestígio financeiro, mas verdadeira arca de tesouros cinematográficos. Segundo Lee O. Miller, no seu *The Great Cowboy Stars of Movies and Television*, em fins dos anos 50, quando o western já começara a emigrar para a televisão, Audie Murphy “era o último autêntico herói do western de «double-bill»”. Segundo as informações disponíveis, o filme que vamos ver destinava-se à segunda e menos prestigiosa parte do duplo programa em que foi distribuído e não tardou a desaparecer. Muitos anos depois foi reconsiderado, em parte devido ao *autorismo*, pois trata-se do terceiro e último western (género então numa autêntica idade de ouro, apesar das produções de série B) de Jack Arnold, que na primeira metade dos anos 50 realizara alguns extraordinários filmes de *science fiction*, como **The Incredible Shrinking Man**, **It Came from Outer Space** e **Creature of the Black Lagoon**. Apesar de todo o seu talento e do seu faro para argumentos originais, Arnold era um *contract director* na Universal e por conseguinte um *contract storyteller*, que filmava o material que lhe davam, certamente com mais talento e competência do que muitos outros. E o material narrativo de **No Name on the Bullet** é bastante original, sobretudo para um filme de série B, a menos que, pelo contrário, este material tenha sido usado numa produção barata para não fazer correr riscos a uma produção de prestígio.

A originalidade do argumento consiste em desviar uma situação-tipo do western - um assassino por contrato surge numa cidade relativamente pacífica para matar alguém - dando-lhe um viés atípico. O desvio narrativo consiste em fazer com que não se saiba quem é a vítima designada, o que cria uma situação de tenso suspense, com vários indivíduos sentindo-se visados, sendo que um deles se suicida, numa violação do Código Hays, que proibia suicídios no cinema americano, embora tenha havido exceções. Como todo o suspense, o de **No Name on the Bullet** baseia-se na espera, na certeza de que uma situação de grande perigo vai ocorrer, sem que saiba onde nem quando - não há “ação” porque há expectativa da ação e é a tensão que deve manter a atenção, embora o espectador com alguma experiência logo perceba que tudo (só) vai se revelar no final. Para que a situação seja credível, o protagonista tem de transmitir

uma impressão de calma, porém ameaçadora, invencibilidade e não pode, no sentido literal e no figurado, desperdiçar cartuchos (no filme, salvo erro, o primeiro disparo ocorre ao cabo de quarenta minutos de projeção, o que é tardíssimo para um western), deve deixar entender a sua força letal, sem fazer uso dela, do contrário o esquema narrativo deixa de fazer sentido. O argumentista de **No Name on the Bullet** não concede sequer pequenos rompantes de violência ao protagonista e ainda carrega nas tintas ao fazer deste assassino por contrato (que só mata por razões estritamente profissionais, nunca é movido pelas emoções, desconhece o rancor e a vontade de vingança), um homem racional e culto, além de calmo. No seu *Directed by Jack Arnold*, Dana M. Reemes vai ao ponto de definir o filme como “*um drama altamente refinado e até mesmo filosófico, que examina a natureza do bem e do mal e o vazio da moral convencional. (...) Durante uma partida de xadrez o médico descobre que o assassino por contrato é articulado em questões de moral, de modo desarmante. E parece menos dogmático e mais racional do que ele*”, embora não deteste falar por enigmas. Um tabuleiro de xadrez é uma presença relativamente insólita num western – onde a regra são os baralhos ou, quando muito, um jogo de damas – e a escolha deste jogo de inteligência e tática talvez não tenha sido gratuita: a partida de xadrez, literal e simbólica, entre o médico e o assassino por contrato encadeia-se com outra metafórica e subterrânea partida, travada entre o assassino e o juiz e leva ao desenlace, ao mesmo tempo esperado e surpreendente, em que o homem cumpre a sua missão sem sujar as mãos e permanecendo incólume diante da justiça (bem dizia o cartaz da época que ele era *the strangest killer in the west*). Apesar do pequeno achado narrativo em que consiste o desenlace, aquilo que se pede a Audie Murphy talvez esteja um pouco acima das suas capacidades de ator (e de muitos outros atores): transmitir a sensação de perigosa ameaça por meios mínimos: decidido a não “forçar” a sua interpretação, o ator acaba por fazer menos do que o necessário, transmitindo mais a sensação de indiferença do que a de força contida.

O que também torna o filme insólito no âmbito do western – além da situação narrativa e da ausência quase total de violência física ou disparos de bala – é que tudo se passa através de diálogos, o que faz com que apesar da sua brevidade (quinze minutos a menos do que um filme de duração *standard*) **No Name on the Bullet** talvez corresponda à observação do crítico do *Monthly Film Bulletin* à época (Abril de 1959): o filme “*é elegante [stylish] porém demasiado lento*”, o que não é um julgamento errôneo, ao contrário do que diz o jornalista na frase seguinte: “*a caracterização dos personagens não é suficientemente desenvolvida e as suas motivações são fracas*”. No esquema narrativo adotado não é necessário “desenvolver” a caracterização dos personagens, pelo contrário, tudo parte do princípio de que, à exceção do juiz, vemo-los todos como são desde o começo e não têm nada de especialmente complexos. Quanto às motivações, nada tem de “fracas”: medo de vários habitantes da cidade, ganância do protagonista, vontade de manter a ordem social por parte do médico. A preponderância absoluta dos diálogos, o que é bastante raro no cinema americano clássico, onde atos e falas costumam equilibrar-se à perfeição, faz com que muitos deles sejam explicativos e afrouxem a tensão narrativa, ao invés de aumentá-la, como era sem dúvida a intenção do argumentista. Embora o ritmo narrativo nunca se altere, o que pode dar a impressão de que a narrativa gira em torno de si mesma, estas insuficiências são redimidas pelo surpreendente desenlace, em que aquilo que deve acontecer acontece, embora não da maneira prevista. Não será exagero incluir **No Name on the Bullet** entre os westerns “*intelectualizados*” dos anos 50 - **Shane**, **High Noon**, **Johnny Guitar** - que até certo ponto desconstroem não o gênero propriamente dito, mas parte das suas mitologias, embora não da sua iconografia.

Antonio Rodrigues